

t b e i m a

Pois sim, escrever um poema.
Mas não na hora nostálgica, nem na hora dolente,
nem na hora enervada,
e nem por apetite, nem por requinte!
Escrevê-lo na hora cansada.
Nesta mesma que passa...
Tirá-lo de mim e oferecê-lo.
Mas a quem o oferecer?
Quem o leria, quem o ouviria, quem o aceitaria?
Ninguém, já se sabe que ninguém!
E isso que importava?
Se não tinha a quem o oferecer, não o oferecia.
Mas escrevia-o.
A minha volúpia de rir e de chorar não refloria,
não se desdobrava...
Mas o poema, coitado, forcejava por nascer

E nascia.

Ó alma, ou lá o que és, coisa cansada,
para ti sempre virada,
em ti há-de tocar como num piano velho,
e ouvir-te resignada,
com coragem.

É tôla a ideia de que alguém alguma vez
possa achar sabor à tua poesia,
um sabor além do literário!

Por isso, minha alma,
meu piano velho deixado num sótão,
soa como puderes.
Soa com aquela tirania dos cansados,
dos esgotados,
dos desenganados.
Com um som martelado, martelado, martelado!

JOÃO FALCO

exactamente no formal, no lógico e no racional do poema. Se suprimirmos a textura formal e intelectual do poema, serão possíveis os estados sentimentais e de raptos? será possível a poesia?

O que se dá não é o anulamento da inteligência, mas sim a sua emocionalização. Esta emocionalização irradia, que tende a fazer vibrar a personalidade total, a dominar todas as suas faculdades, é que faz parecer, aos críticos precipitados, que a inteligência se diluiu, e não deixa perceber que a inteligência é (desde a criação poética ao prazer do leitor) o suporte e a condição das emoções experimentadas. Ainda nos recordamos da primeira leitura do soneto «Tormento do Ideal» de Antero, que vinha nas selectas escolares. A' nova leitura, volvidos anos, a nossa maior compreensão deu-nos uma emoção extraordinária, como se lêssemos um soneto novo. Não houve, não nos lembra que houvesse, em nós, sensível esforço de análise, de indução ou de dedução, que nos leve a explicar a emoção experimentada pelo prazer de aplicar «regras lógicas ou princípios formais de raciocínio». Houve uma iluminação intelectual em que tudo se relacionou mais perfeitamente, em mais amplo prazer estético. Não estabelecemos as regras lógicas e os princípios formais. As regras e os princípios se nos estabeleceram, como que eclodindo ao contacto com a inteligência, mais sentidas e experimentadas do que raciocinadas.

Nesta racionalidade íntima, que parece perder-se porque penetra e se funde nas emo-

ções, reside a capacidade de comover das obras poéticas, clássicas ou «modernistas» em que há talento; e a falta, deliberada ou não, da racionalidade é que explica a condenação de certas obras modernistas em que o talento é uma comédia.

No próprio sonho (a que o sr. Gaspar Simões comparou a poesia pura) existe a elaboração intelectual, mesmo quando o sonho parece absurdo (Freud).

De tudo isto se deduz que a nossa noção de poesia (exaltação idealista da realidade, em que a inteligência intervem) está certa, e o nosso crítico está menos afastado dela do que julga. Simplesmente o ignora—como Mr. Jourdain.

Vamos, agora, ao caso das palavras poéticas.

As palavras—crê o sr. Gaspar Simões—traem o poeta: «antes das palavras e das orações» existe a «sua individualidade psicológica, isto é, uma entidade que experimenta sensações, ideias, representações, lembranças, volições, emoções, etc., que não são originariamente nem palavras, nem orações, mas movimentos, estados, imagens. Para exprimir o que, o poeta tem de lançar mão das palavras». (2)

Neste «tem de lançar mão das palavras», o sr. Gaspar Simões regressa, felizmente, ao bom senso, e toca, sem saber (sempre Mr. Jourdain), a Psicologia moderna, para a qual a alma individual é um produto social. Dizemos: «sem saber», porque se o sr. Gaspar Simões soubesse quais as tendências modernas da Psicologia, não podia deixar de as

criticar no que elas, automaticamente, se opõem à sua teoria.

A linguagem é um fenómeno profunda e largamente social. Dizer que a linguagem é a condição para o poeta exprimir os seus estados de alma, é já confessar a correlação entre o social (palavras) e o individual (estados de alma). E, assim, admitida esta correlação, é fácil compreender como o desenvolvimento da linguagem é contemporâneo do desenvolvimento psicológico; é fácil, também, apreender o sentido destes paralelismos: alma social—alma individual, mentalidade social—mentalidade individual, etc.; e é fácil, por fim, entender a razão por que a obra de arte é comunicável. O artista devolve ao meio social, simplesmente com a marca da sua individualidade (que é já, de resto, no que melhor contém, elaboração social) o que nesse meio colheu.

Logo, se a poesia é idealidade (já vimos que o era, mesmo na tese do sr. Gaspar Simões, e mesmo quando o sr. Gaspar Simões não quere que seja); se a idealidade é a afirmação da nossa alma; e se a nossa alma reflecte, afinal, a alma social, representando-se, consciencializando-se por meio dos símbolos sociais que são as palavras, porque estranhar que falemos na idealidade de certas palavras?

Creemos que o leitor, que conheça o nosso livro «Através da obra do sr. António Botto», está agora apto a formular nitido juízo sobre os despropósitos do sr. Gaspar Simões, referentes à Poesia.

Quanto não seria útil que o sr. Gaspar Simões, de ânimo sereno, voltasse a ler o seu artigo e o depurasse das precipitações que êle contém!

Note-se: para nós há palavras poéticas, expressões poéticas, como há ideias e temas poéticos; mas nunca dissemos aquilo que o crítico do «Diário de Lisboa» nos atribuiu: considerar certas palavras como as fronteiras da poesia.

Pequenas incursões pelo seu livro «O Mistério da Poesia», fizeram-nos ver que ao nosso adversário não faltam ideias, mas falta-lhe aquela disciplina mental que evita o caos e que faz o verdadeiro crítico. A' medida que ele nos oferece o ensejo, iremos demonstrando...

Não temos má vontade contra o sr. Gaspar Simões, como a não tivemos contra o sr. Botto. Queremos, antes de mais nada, que êle discuta com seriedade, de crítico para crítico. Queremos que nos diga se, como crítico, nós devíamos (e porquê) ocultar do público o que, acêrca do sr. Botto, veio ao nosso conhecimento. E se não o devíamos ocultar, perguntamos-lhe: Não era legítimo tirar conclusões? Se era isso legítimo, porque nos atacou? O mais que deve fazer é corrigir-nos—se pode e o quere fazer honestamente.

Bom é, porém, que pese o que pensa, numa balança a que presida êste lema: pesar e pensar são, até etimologicamente, palavras irmãs.

(1) H. Poincaré, *La Valeur de la science*.

(2) João Gaspar Simões, *O Mistério da Poesia*, 1931.